

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

FABIO LUIZ DA COSTA LIMEIRA

**A COMUNICAÇÃO VIRTUAL COMO FACILITADORA NA DESCOBERTA DO
SENTIDO QUE O ALUNO ATRIBUI AO SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO
ACADÊMICA**

**PORTO ALEGRE
2014**

FABIO LUIZ DA COSTA LIMEIRA

A COMUNICAÇÃO VIRTUAL COMO FACILITADORA NA DESCOBERTA DO SENTIDO QUE O ALUNO ATRIBUI AO SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA

Trabalho de conclusão do curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialização em informática na educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de 2014

Orientadora: Prof^a Dr. ADRIANA JUSTIN CERVEIRA KAMPFF

Porto Alegre
2014

Dedico este trabalho a minha esposa que apoiou meus momentos de dedicação ao trabalho de conclusão deste curso, meus dois filhos e o bebê que esperamos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, pelo apoio que me deram em todos os momentos para realizar mais esta conquista.

A minha orientadora e professora, Adriana Justin Cerveira Kampff, que com muita dedicação ajudou-me a realizar este trabalho de conclusão.

A todos meus professores do Curso de pós-graduação da PUCRS, que com muita sabedoria souberam compartilhar seus conhecimentos ao longo deste curso.

Aos alunos que colaboraram como sujeitos desta pesquisa, meu especial agradecimento.

Conheça-te, aceita-te e supera-te..

Agostinho

RESUMO

O propósito desta pesquisa é compreender a comunicação virtual como meio facilitador na descoberta do sentido que o aluno atribui ao processo de formação acadêmica.

Buscou-se analisar de forma geral as características dos sujeitos da pesquisa, o aluno como pessoa, o contexto em que vive e suas experiências com o uso de comunicação virtual. Além disso, procurou-se identificar a importância que está sendo dada ao processo de formação acadêmica, o sentido que o aluno atribui a ela e a comunicação do professor com os alunos como facilitadora deste processo de descoberta do sentido que o aluno atribui ao processo formativo.

A problemática central abordada neste trabalho é a seguinte:

De que maneira as diferentes experiências com comunicação virtual podem facilitar a descoberta do sentido que o aluno, cursando o Terceiro Ano do Ensino Médio, dá ao estudo e qual a influência desta descoberta no seu processo de formação acadêmica?

O percurso metodológico adotado foi qualitativo, desenvolveu-se através de uma pesquisa de campo junto a alunos cursando o Terceiro Ano do Ensino Médio a fim de questioná-los sobre a sua trajetória escolar em paralelo com as suas experiências pessoais, proporcionando uma autorreflexão sobre o sentido que dá ao estudo como parte de sua formação acadêmica e a comunicação virtual como meio facilitador neste processo de busca de sentido.

A análise dos dados mostra que a comunicação virtual precisa ser vista com um novo olhar pelos educadores e educandos para que o processo de formação acadêmica acompanhe as inovações e anseios dos alunos a fim de auxiliar na descoberta do sentido que eles dão ao estudo aperfeiçoando a formação (formar a ação) de cidadãos ativos e responsáveis.

Ao concluir a pesquisa e analisar os dados, emergiram as seguintes categorias: Mudança de Época; Comunicação Virtual; Processo formativo e Busca de sentido.

Palavras-chave: Comunicação virtual. Sentido. Formação acadêmica.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	METODOLOGIA.....	9
3	Mudança de época.....	10
4	Comunicação virtual.....	14
5	Processo formativo.....	18
5.1	Visão de ser humano de forma	18
5.2	Processo formativo integral.....	19
6	Busca de sentido.....	26
	CONCLUSÃO.....	29
	REFERÊNCIAS.....	31
	ANEXO.....	35
	ANEXO A- ROTEIRO DE PESQUISA REALIZADO COM ALUNOS PESQUISADOS.....	36

1. INTRODUÇÃO

“O homem de hoje conhece a sociedade pelo fato de possuir instintos, o que temos de mostrar-lhe é que ele possui também espírito – espírito, liberdade e responsabilidade” (Frankl, 1991, 116).

O ser humano, como expressa Viktor Frankl, deve ser entendido nas suas diversas dimensões, de forma plena, na sua totalidade. Não podemos vê-lo apenas no plano “*somático-psíquico*” (FRANKL, 1992, 72). A formação integral e nela, o desenvolvimento pleno do aluno como pessoa, objeto de estudo desta pesquisa, precisa considerá-lo como pessoa de forma inteira, ou seja, físico, psíquico e espiritual. Não podemos desvincular o ser aluno do ser pessoa.

Pessoa, segundo Xausa (2011, p. 116), é um ser “único e total”, logo não apenas indivíduo e nem apenas um ser coletivo. Nossas experiências são individuais e coletivas.

Tendo em vista a percepção de ser humano como pessoa na sua totalidade apresentada até aqui, acredito que as experiências partilhadas com alunos e as que comigo dividiram nestes quatorze anos em que leciono na rede particular de ensino, são importantes para o processo de formação nas suas diferentes dimensões (conhecer, fazer, viver juntos e ser) e de busca de sentido para estudar. E vejo a informática como um recurso importantíssimo nesta troca de experiências em meio à revolução técnico-científica que vivemos.

O ser humano, seja vinculado ou não à escola, ao envolver-se na partilha de conhecimento, pode sentir-se humilhado ou acolhido, encontrado, muitas vezes até restaurado, na sua dignidade de pessoa.

O diálogo maduro e não reducionista é capaz de valorizar não apenas as próprias experiências, mas também as experiências dos outros.

Valorizar as experiências dos alunos pode torná-los mais entusiasmados com o estudo. Para isso, se faz necessário incentivá-los a partilhar suas experiências advindas das diferentes situações, dando a elas significado e

estabelecendo múltiplas relações, pois nossas experiências não são compartimentadas.

O “eu” pessoa, pai, marido, professor, amigo, estudante, não está fragmentado. Não são distintos papéis de um mesmo ator em uma novela. Da mesma forma, não podemos tratar o aluno como se encenasse papéis isolados.

Certa vez, ao atender a mãe de um aluno com aparentes dificuldades cognitivas, relatava-me o quanto o menino estava preocupado com a grave doença do pai. Eu, sem saber da sua experiência familiar, queria que ele mantivesse a mesma atenção e desempenho que todos os outros alunos. Após aproximar-me da sua realidade e externalizar a ele o meu entendimento, mesmo que parcial do que estava passando, percebi o quanto aquele aluno mudou o seu comportamento em sala de aula e como aumentou entre nós o diálogo, o respeito, a sensibilidade, o entusiasmo, a esperança e a humanização no ensino-aprendizagem.

Os meios tecnológicos fazem parte do cotidiano dos alunos assumindo papel importante neste aprendizado, tendo em vista serem uma maneira de aproximar diferentes gerações: o aluno, o professor e por que não acrescentar os pais e avós que já estão cada vez mais inseridos nesta nova dinâmica de comunicação virtual?

Penso que o uso das novas tecnologias, principalmente na interação e comunicação virtual pode ser de fundamental relevância para um processo de aprendizagem de sucesso, pois podem ajudar os alunos a sentirem-se motivados em aprender e assim sendo, “avançam mais, ajudam o professor a ajudá-los melhor” (MORAN, 2000, p. 17).

2. METODOLOGIA

Tendo em vista complexidade do estudo, penso que não é possível quantificar os dados, mas sim utilizar uma metodologia qualitativa interpretativa observando, registrando e analisando as diversas expressões da pessoa com seus diversos significados.

Nesta pesquisa visou-se investigar as peculiaridades e particularidades dos alunos, sujeitos da pesquisa, suas experiências pessoais e formativas.

(...) a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo 1995, 21-22).

Realizando uma pesquisa qualitativa é possível interpretar a realidade do aluno nas diversas dimensões reconhecendo, classificando e distinguindo as “sutilezas do significado que emerge” (MOREIRA, 2006, p. 63).

As ferramentas utilizadas para investigação foram a coleta de dados, a observação participante e as entrevistas semi-estruturadas. Foram realizadas descrições comportamentais, citações de experiências, transcrições e/ou gravações de entrevistas e interações entre os alunos para realizar uma análise do conteúdo reunido.

Considerando a necessidade de compreender o uso da comunicação virtual e sua contribuição na descoberta do sentido que é dado ao estudo surgiu, como problema de pesquisa: De que maneira as diferentes experiências com comunicação virtual podem facilitar a descoberta do sentido que o aluno, cursando o Terceiro Ano do Ensino Médio, dá ao estudo e qual a influência desta descoberta no seu processo de formação acadêmica?

A pesquisa foi realizada em uma escola particular de Porto Alegre. O público investigado foi formado por 10 alunos cursando o Terceiro Ano do Ensino Médio selecionados aleatoriamente. Os estudantes serão chamados de aluno 01 até aluno 10, para preservar suas identidades.

3. Mudança de época

Vivemos na sociedade da revolução técnico-científica, da superabundância, dos aparelhos sofisticados de comunicação digital que nos colocam em contato com qualquer pessoa, em qualquer lugar do planeta, com ótimas qualidades de som e imagem. Vivemos na sociedade do GPS criado em 1995, do DVD criado em 1996, do MP3 e do Pen-drive criados em 1998, do Wikipedia criado em 2001, do Ipod primeira geração de 2002, Ipod Mini de 2004, do MP4 e do Ipod Shuffle e Nano criados em 2005, do Ipod Touch criado em 2007, do Iphone 3G de 2008, do Sistema Operacional Android de 2008, do Iphone 3GS de 2009, do Iphone 4 de 2010, do Iphone 5 de 2012, do Iphone 5c e 5s criados em 2013...¹

Diante destes acontecimentos, os jovens precisam aprender a discernir o que é e o que não é indispensável e passageiro, o que tem sentido e o que não tem. Pois, mesmo diante de tantos recursos e facilidades para a comunicação, encontramos jovens sem sentido de vida, desesperados, perdidos em si mesmos e muitas vezes sem sentido para estudar ou sem encontrar significado diante de tanta informação.

Existe no mundo da pintura uma expressão que se refere ao acúmulo de cores que acaba por não permitir uma clara distinção do objeto: infopoluição. Esta possibilidade começa a fazer-se realidade no âmbito da Sociedade da Informação (Filho, 2007, 139).

E ainda:

A superabundância de informação tende a mudar a natureza de cada mensagem concreta. Às vezes, a maneira mais prática de não informar é dar uma enxurrada de informações. Pode-se chegar até a privar de significado, ou tornar insignificante, a própria mensagem. A informação converte-se, nessa perspectiva, em simples ruído de fundo (Filho, 2007, 140).

Quando discutem-se as definições de gerações, Baby Boomers, X, Y e Z, há um reducionismo das gerações ou até mesmo uma tentativa de

¹ Segundo www.historiadetudo.com

homogeneização delas. Seriam todos os Baby Boomers, nascidos entre 1940 a 1960, adeptos a planejamentos e céticos em relação à autoridade? Seriam todos os da geração X, nascidos entre 1960 a 1985, dedicados, descrentes e desrespeitosos com os pais? Seriam todos os da geração Y, nascidos entre 1985 a 1995, adeptos ao trabalho em equipe, contrários a hierarquia, com ânsia em atingir altos cargos? Seriam todos os da geração Z, nascidos após 1995, silenciosos, influenciados, desconcentrados, alheios à política e com problemas de interação social?²

Embora estas definições não abarquem às diferenças entre os indivíduos, utilizar-se delas, em parte, poderá nos ajudar a traçar um panorama geral da geração com que trabalhamos em sala de aula, geração Z, analisando suas problemáticas e necessidades.

Cresce o número de pessoas alienadas, influenciadas, reducionistas, queixosas e não reflexivas diante dos desafios e problemas da vida. Querem conhecer sem grandes leituras e estudos. Evitam o exercício físico e intelectual ou desistem fácil deles. Querem sucesso, mas sem sacrifício. Será que não está faltando sentido?

Segundo Filho (2007, p. 140) as possíveis reações ante esse fenômeno da “poluição informativa” ocorreria em três dimensões.

Uma primeira via seria a seleção da informação, sem redundâncias nem repetições (...). A outra seria a redução da informação, acomodando-a em função de interesses específicos e especializados do público e a terceira via é a fuga da informação. A fuga da informação seria o florescimento de ideologias simplificadoras, a sementeira do irracional, o voluntarismo irreflexivo, o empobrecimento das relações sociais e o desenvolvimento do mais passivo consumismo (Filho, 2007, 140).

O agravante de muitas pessoas que não conseguem enfrentar os problemas é que enfrentam as pessoas ou os meios. “Eliminando” aqueles que pensam diferentes ou aquilo que poderia exigir do professor e do aluno ainda mais formação continuada (mais sacrifício), como por exemplo, as novas tecnologias.

² Segundo <http://pt.slideshare.net/AnglicaMariaBenedetti/gerao-x-y-z>

No ano de 2013 propus aos alunos do primeiro ano do ensino médio um trabalho em grupo. Utilizamos a criação de um documento compartilhado no Drive do Gmail³ e que permitiu uma análise individual da participação dos alunos através do “Ver histórico de revisões”. Alguns alunos alegaram ser bem mais fácil o trabalho “a mão” e perguntavam se não poderiam entregar impresso.

De acordo com Pe. Léo:

Quem não luta pela autoperfeição jamais consegue saborear a vida. E quem perde o sabor da vida e não tem gosto para mais nada cai num vazio profundo e frívolo que leva a pessoa para a superficialidade da vida. Aí quem manda é a aparência e a satisfação imediata dos desejos. (Léo, 2004, 22)

Não podemos nos fechar por medo do fracasso, precisamos buscar enfrentar os desafios com ousadia e coragem.

Só quem não luta não perde. Mas a perda pela fuga dos desafios é a pior de todas. É mais do que uma derrota. A derrota ainda tem algo a nos ensinar. O fechamento pelo medo do fracasso não ensina nada. (Léo, 2004, 35)

E ainda:

(...) talvez a principal razão que me leva a arriscar seja a descoberta de que, ao fazê-lo, aprendo, quer eu fracasse ou seja bem-sucedido. Aprender, e especialmente aprender com a experiência, tem sido um elemento fundamental que faz com que minha vida valha a pena. Tal aprendizado me ajuda a crescer. Por isso, continuo a arriscar. (Rogers 1983, 22)

Os jovens são cada vez mais estimulados à quantificação de informações que nem sempre gera formação da pessoa, pois são muitas vezes descartáveis e não refletidas. O que aconteceu “ontem” entra no esquecimento.

"(...) vivemos hoje em dia uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados" (Levy, 1995, 17)

³ Serviço de armazenamento na nuvem que grava as alterações de modo que seja possível voltar às revisões nos últimos 30 dias e quando o documento é compartilhado para edição saber no que cada um contribuiu.

Esta mudança de época exige uma interação cada vez mais contínua entre professores e alunos. O que pode ser alcançado, pelo menos de forma parcial, através da comunicação virtual, embora veja os jovens ainda preocupados com que a comunicação virtual abale valores como verdade e liberdade buscados pelo ser humano. Por não conhecerem todas as nossas intenções e valores, as demais pessoas podem distorcer as palavras e pensamentos expostas na rede..

Todos os alunos entrevistados falam da perda de privacidade através dos meios de comunicação virtual.

*Entre as desvantagens destaco a tentação de usarmos a internet para **fins fúteis** e a possível **perda de privacidade**.⁴*

Outro:

*A comunicação virtual pode gerar **dependência da tecnologia**, causar **dissipação de informações erradas** e uma **exposição excessiva** e de forma “inadequada” o que muitas vezes estraga a carreira profissional ou a reputação da pessoa na sociedade.⁵*

⁴ Aluno 1: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

4. Comunicação virtual

Penso que as tecnologias, sendo utilizadas com sentido indefinido, fazem com que os alunos as utilizem sem a responsabilidade devida. Se disséssemos aos alunos: “Peguem o iPhone⁶ para uma pesquisa na internet”. Será que teríamos alguns alunos acessando diretamente as redes sociais? E se acessassem, quantos deles ao “entrarem” no facebook⁷, clicariam no “ver mais”? Será que as múltiplas informações que os alunos estão submetidos os levam a múltiplas reflexões?

Baudrillard definiu essa “aceleração da modernidade”, em que presente e passado são vistos no mesmo instante.

(...) a aceleração da modernidade, da tecnologia, dos acontecimentos e dos meios de comunicação, de todas as trocas - econômicas, políticas e sexuais - propeliu-nos a uma “velocidade de escape”, com a qual voamos livres da esfera referencial do real e da história (Baudrillard, 1994, 1).

Esta “velocidade de escape” possui um risco de acontecer o não respeito a uma das regras da história de analisar os fatos do passado dentro do seu contexto histórico e cultural, o que pode provocar um reducionismo de pessoas, povos ou instituições.

Quando analisamos a frase de uma pessoa na internet sem conhecê-la, sem conhecer sua formação, sua cultura e seu histórico familiar, corremos o risco de reduzi-la a frase dita, o que dificultaria o dialogo maduro e respeitoso entre as pessoas.

Uma intercomunicação de computadores, ciberespaço, vai tendo como consequência o surgimento de um “cibercultura” de mudanças “de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de pensamentos e de valores

⁵ Aluno 1: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

⁶ Smartphone desenvolvido pela Apple com funções de iPod, câmara digital, internet, mensagem de texto conexão wi-fi...

⁷ Rede social lançada em 2004

que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

Segundo o mesmo autor, na atualidade, são modificadas as funções cognitivas do ser humano, tornando cada vez mais necessário que educadores e educandos reflitam sobre os diversos saberes que trataremos no próximo capítulo e que estão cada vez mais imersos na cibercultura.

O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. [...] Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em 'níveis', organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes 'superiores', a partir de agora devemos preferir a imagem em espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa posição singular e evolutiva (Lévy, 1999, 158).

É importante observar que embora as informações através das redes sociais sejam passadas rapidamente aos “amigos” da rede, muitas destas informações ganham mais atenção e credibilidade quando compartilhados ou indicados por pessoas que já conhecemos (professores, amigos ou colegas). O fator influenciador é fundamental. Damos mais atenção ao comentário de alguém ou algo que conhecemos.

Importa-me mais a opinião do meu vizinho do que aquilo que o Google pensa (Qualman, 2010, 106).

Acredito que dá mesma forma que os alunos precisam descobrir o sentido para estudar, utilizando a comunicação virtual no processo de aprendizagem, a comunicação virtual pode ser um meio eficaz para descoberta do sentido do estudo quando aproxima o conhecimento da realidade do aluno conhecendo suas necessidades e experiências.

No ano de 2013, na escola onde leciono Geografia, precisava utilizar com os alunos tablets⁸ com apostilas digitais interativas para que, juntos, alunos,

⁸ Dispositivo pessoal em forma de prancheta que pode se usado para acesso à internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros e entretenimento.

professores e direção, averiguassem a possibilidade da utilização permanentemente deste material nesta Instituição. Como o sentido daquela ação não era claro ou de grande importância para os alunos, o trabalho não teve o êxito esperado, pois muitos alunos acessaram redes sociais, não interagindo com o material apresentado. Já no ano seguinte, ao utilizar em sala de aula os próprios Ipods e Iphones dos alunos para trabalhar com mapas e incentivando-os a baixar aplicativos que permitissem a edição das imagens e textos trabalhados, percebi o quanto eles estavam mobilizados, entusiasmados e participativos em executar tarefas até mesmo mais exigentes que em outras aulas reclamavam realizar.

Penso que se torna cada vez mais necessário, para sermos mais reflexivos e inseridos na vida política e social, a comunicação contextualizada e significativa, seja pessoal ou virtual. Sendo este último facilitado pela adesão dos alunos no cenário atual.

Acredito também que através da comunicação virtual, partilhando a vida de forma responsável é possível que professores coloquem-se no lugar do aluno facilitando o processo de aprendizagem.

Esta atitude de colocar-se no lugar do estudante, de considerar o mundo através de seus olhos, é quase desconhecida em sala de aula. Mas quando o professor responde de uma forma que leva o estudante a se sentir compreendido - ao invés de julgado ou avaliado-, há um impacto extraordinário. (Rogers 1983, 150)

Para alguns alunos que entrevistei, as redes sociais podem aproximar alunos e professores e aumentar a “fonte de conhecimento”:

“Acredito que por meio das redes sociais podemos ampliar nossas fontes de conhecimento, pois através desses é diminuída a distância aluno-professor facilitando, por exemplo, aqueles que em sala de aula sentem-se intimidados a levantar a mão e tirar uma dúvida passam a saná-la usando um instrumento de comunicação virtual.”⁹

Para outros são benéficas desde que haja, anteriormente, um “laço afetivo entre professores e alunos”.

⁹ Aluno 4: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

“Depende muito da relação que tenho com os professores. Quanto maior o laço afetivo maior a facilidade de comunicação.”¹⁰

As respostas dos estudantes apontam que quanto maior é o laço afetivo, mais fácil é a comunicação interpessoal. Uma grande quantidade de pessoas gosta de partilhar a sua vida apenas com os mais íntimos. Ao mesmo tempo acredito que só nos tornamos mais íntimos de alguém à medida que partilhamos a nossa vida com o outro.

O primeiro caminho, ser íntimo para depois partilhar a vida, pode nos fechar em relação ao outro, enquanto o segundo caminho, relacionar-se com pessoas com quem temos “laços fracos” (GRANOVETTER, 1973) podem nos ajudar no processo de socialização.

Uma distinção fundamental na análise da sociabilidade é entre os laços fracos e os laços fortes. A Rede é especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos. Os laços fracos são úteis no fornecimento de informações e na abertura de novas oportunidades a baixo custo [...]. De fato, tanto off-line quanto on-line, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto reconhecimento (Castells 2009, 445).

Penso ser um benefício da comunicação virtual a interligação com diversos tipos de pensamentos e linguagens, desde que, com uma reflexão respeitosa, para não nos tornarmos alienados, fanáticos, leitores de um livro só. É na interação com pensamentos diferentes que descubro a necessidade do outro podendo ajuda-lo.

Uma rede de pessoas interessadas pelos mesmos temas é não só mais eficiente do que qualquer mecanismo de busca, mas, sobretudo, mais eficiente do que a intermediação cultural tradicional, que sempre filtra demais, sem conhecer em detalhes as situações e necessidades de cada um (Lévy, 2002, 1010).

¹⁰ Aluno 5: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

5. Processo formativo

5.1 Visão de ser humano de forma integral

O médico, especialista em neurologia e psiquiatria, e Ph.D. em Filosofia, Viktor Emil Frankl ¹¹, foi uma grande personalidade que fundou a Logoterapia (uma psicoterapia centrada no sentido com caráter existencial e humanista) difundindo a dimensão espiritual da existência e o sentido existencial do indivíduo. A Logoterapia também ficou conhecida como Psicoterapia do Sentido da Vida ou, ainda, a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia. Este austríaco ficou preso durante três anos em campos de concentração e após liberado pelas tropas Norte Americanas descobriu que sua esposa, mãe e irmão foram assassinados em Auschwitz.

Além de escrever muitos livros e dar palestras em Universidades de Londres, Paris e Argentina, Frankl foi professor de Neurologia e Psiquiatria da Universidade de Viena.

Viktor Frankl não estava de acordo com uma visão reducionista do ser humano. Ele considerava o reducionismo como um “subhumanismo”.

“ Tal como se comprueba, el reduccionismo reduce al hombre no solo em toda una dimensión sino que le resta, ni mas ni menos, la dimensión de lo específicamente humano. Se puede definir el reduccionismo como un procedimiento pseudocientífico por el cual fenómenos específicamente humanos, como consciencia y amor, se reducen al nivel de fenómenos subhumanos. Em uma palavra, el reduccionismo puede definirse como um subhumanismo.” (Frankl, 1991, 135)

O ser humano precisa ser visto na sua **totalidade**, nas diversas dimensões que o compõe. “O ser humano é o ser que sempre decide o que ele é” (FRANKL, 2008, p. 112). Frankl relata que no campo de concentração tinham companheiros que agiam como porcos e outros como santos.

Outros autores também trazem esta ideia de ser humano pleno como Xausa que apresenta a pessoa como um ser “*único e total*” (XAUSA, 2011, p,

¹¹ Segundo www.viktorfrankl.org/e/chronology.html

116), assim também como Mounier (1964) que defende a ideia que o ser humano participa de estruturas que chama de “*Universo Pessoal*”. “*O homem é corpo exatamente como é espírito, é integralmente corpo e é integralmente espírito*” (MOUNIER, 1964, p. 39).

É nesta perspectiva de ser humano integral que penso que é necessário ver os alunos, sujeitos deste trabalho.

5.2 Processo formativo integral

Considerando o aluno como pessoa de forma integral é necessário uma formação também integral, nas diversas dimensões que compõe a pessoa.

A educação vai mais além do que a aprendizagem de conteúdo e definições conceituais. Pessoa bem formada não é simplesmente aquela dotada de conhecimentos, mas, sobretudo aquela que possui habilidades para conduzir sua própria existência:

“La educación se ve, em los escritos franklianos, como una dinámica de interlocución, como una dinámica dialogal no sólo entre los seres humanos sino consigo mismo y com los datos de la realidad circundante que nos interrogan y nos confrontan no sólo para ser sino para llegar a ser aquellos seres, a los que estamos llamados, por nuestro más íntimo ser.” (Herrera, 2007, 437)

Deve existir relação entre o que o aluno aprende e o que o vive, relação entre a teoria e a prática. O aluno precisa formar sua consciência a fim de compreender melhor a sua realidade. A consciência bem formada ajuda à mudança a partir de si mesmo. Diante da sensação de falta de sentido, mais do que só transmitir conhecimento, é necessário “*aguçar a consciência*” (FRANKL, 2010, p. 87).

“(...) numa época em que as tradições e os valores universais que elas encerram se vão esboroando, educar significa, portanto, no fundo e em última instância – e até diria, mais do que nunca – formar a consciência pessoal” (Frankl, 1989, 30).

Falta responsabilidade da parte de alguns no processo de aprendizagem? Façamos da educação uma “*educação para a responsabilidade*” (FRANKL, 2010, p. 88).

Nossas decisões, nossas escolhas (que devem ser buscadas com responsabilidade) são influenciadas por emoções, expectativas, equívocos, características de personalidade e conteúdos inconscientes.

Por mais que existam impulsos exteriores ao ser, é pessoal a decisão do que saber e da busca do para quê saber.

O político francês, Jacques Delors (1999) nos indica um bom caminho do que é necessário saber no processo de formação do aluno quando propõe os “quatro pilares da educação”.

Quero aqui deter-me aos “quatro pilares da educação” como forma de alcançar uma formação integral relacionando com a “busca de sentido”, proposta por Viktor Frankl.

Os quatro pilares da educação, no livro “*Educação: Um Tesouro a Descobrir*” (DELORS, 1999), que ocupa todo o quarto capítulo, da página 89 a 102 são: saber conhecer, saber fazer, saber viver juntos e saber ser.

É fundamental como primeiro passo para uma formação que abarque as diferentes dimensões do ser humano a **busca do conhecimento** a começar por conhecer a de si mesmo para depois buscar o “conhecimento de nós” explicitado por Josso:

“É somente quando nos sentimos bem conosco mesmos e com os outros, tendo a sensação de que estamos vivos e de que podemos revelar o nosso potencial de humanidade, que essa busca de si e de nós cessa de ocupar o primeiro plano da cena. Ou seja, quando nosso conhecimento de nós mesmos nos permite ligar-nos aos outros com prazer e criatividade, sentindo um equilíbrio entre o dar e o receber, estamos disponíveis para uma exploração de um além de nós mesmos, estamos disponíveis para a vida.” (Josso, 2008, 32)

Redescobrir-se através da reflexão dos muitos fatos cotidianos que hoje são vivenciados por cada um de nós em real-time penso ser um passo inicial para uma boa formação. O auto-reconhecimento faz perceber-se não de forma coletiva e unificada, mas perceber-se ser humano individual e coletivo; interior e exterior.

Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. (Delors,2006, 91)

Através da comunicação virtual professores podem propiciar espaços para que seus alunos repensem sua trajetória escolar, seu percurso de formação, as influências recebidas, seus anseios, seus desafios, suas tomadas de decisões, etc.

Existem pessoas que não esperam mais nada da vida. Penso que deveriam perguntar-se o que a vida espera delas? **Saber o que fazer**. Acredito que o aluno que não espera nada do ensino- aprendizagem tende ao fracasso escolar, mas aquele que assume com responsabilidade um sentido pessoal ou social tende ao triunfo.

“Por conseguinte, a missão que um homem tem que cumprir na vida, sempre na base da vida está presente, nunca, em princípio, sendo impossível de cumprir. Nestes termos, o que em geral interessa à análise existencial é fazer com que o homem experimente vivencialmente a responsabilidade pelo cumprimento da sua missão; quanto mais o homem apreender o caráter de missão que a vida tem, tanto mais lhe parecerá carregada de sentido a sua vida” (Frankl, 2003, 94).

É necessário que o aluno saiba conhecer, tenha raciocínio lógico, compreensão e memória, no entanto é essencial aplicar, colocar na prática seus conhecimentos teóricos , ou seja “saber fazer”.

As nossas experiências nos ajudam a conhecer mais e a tomar decisões, pois aquilo que eu sou está associado com aquilo que faço.

Mesmo quando nossas experiências não foram tão positivas elas podem nos capacitar à medida que nos arrependemos refletimos e aprendemos com elas.

“O fazer” do aluno, nos tempos atuais, está associado muito à comunicação virtual, sendo cada vez mais necessário que o ensino-aprendizagem associe o fazer do professor e do aluno às novas tecnologias.

A educação através do uso das novas tecnologias pode estimular o aluno a

perceber nelas uma importante ferramenta no auxílio à aquisição do conhecimento além dos limites da sala de aula. Dessa forma, possibilitando ao pesquisador, buscar informações que ampliem e permitam um significado mais complexo das discussões realizadas com os colegas e os professores, utilizando, por exemplo, o recurso da Internet, para que percebam que podem lidar com o espaço e o tempo de outras formas.

O homem só se torna completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si no serviço a uma causa, ou no amor a outra pessoa. *“É como o olho, que só pode cumprir sua função de ver o mundo enquanto não vê a si próprio”* (FRANKL, 1991, p. 18).

“Saber viver juntos” é outro pilar importante e um grande desafio, pois atua no campo de atitudes e valores. Assim como todos os “pilares da educação” atuam no interior e no exterior do ser humano. Para sabermos viver juntos penso que é necessário combatermos os preconceitos e o reducionismo humano, ou melhor, o reducionismo *“subhumano”* (Frankl, 1989, 135).

“El reducionismo, com su tendência a congelar y cosificar al hombre y a despersonalizarlo, colabora com el vacío existencial. Suena como una exageración pero no lo es” (Frankl, 1989, 135).

Martin Buber é outro autor que apresenta a relação interpessoal (2004). Buber expressa que o «eu» vai se tornando «eu» no encontro com o «tu» e vice-versa. É na comunicação com o outro que a Pessoa se reconhece. Salvino (2009) também aponta que o ser humano reflete a imagem que se forma a partir de uma complexa rede de relações: relação consigo mesmo, com o cosmo, com os outros e com Deus.

Segundo Viktor Frankl o *“sentido da individualidade, somente se cumpre na comunidade”* (Frankl, 2, 1991, 88).

É necessário não apenas viver em sociedade, em uma visão materialista, mas viver como pessoa contemplando suas diversas dimensões em comunidade.

Não podemos ficar com a mentalidade de coletividade massificada, igualando todo o pensamento humano e não conseguindo estabelecer diálogo com o “diferente”. Não conseguir dialogar, é um sinal de uma sociedade que não

consegue viver em comunidade. E, sem comunidade, somos apenas mais um no meio da massa. Por isso, também é importante criar uma “comunidade escolar”. Será que toda “comunidade escolar” é verdadeira comunidade onde uns se preocupam com os outros, onde crescem partilhando experiências entre si? Fugamos da massificação.

Para ser comunidade é necessário ter personalidades, pois segundo Frankl *“Comunidade necessita de personalidades e toda personalidade precisa de comunidade para ser pessoa”* (Frankl, 1990, 236).

Nas redes sociais fala-se cada vez mais de “comunidades”. Mais do que meros espaços de informação, potencialmente podem ser espaço de reflexão e diálogo. A utilização destas redes sociais, comunidades e grupos virtuais, podem auxiliar na construção do aprendizado através da dimensão educacional “viver juntos”.

Viver juntos requer conhecer e se importar com as necessidades e sofrimentos dos outros.

Quando perguntado para um aluno do Terceiro Ano do Ensino Médio se os professores são sensíveis na solução de problemas, transmitindo mensagens de entusiasmos e coragem e se pensava que isto poderia contribuir para busca de soluções, foi respondido:

*Sim, isso mostra a confiança e o carinho que as pessoas têm por nós, provando que não estamos sozinhos.*¹²

E outro:

*Sim, eles são sensíveis quando compartilhamos experiências com eles, nos dando força. Este auxílio otimista principalmente de pessoas adultas e profissionais na área da educação encoraja os alunos a buscar soluções.*¹³

A sala de aula e as redes sociais não devem ser o lugar somente para o estudo de conteúdos programáticos, mas de discussões, troca de experiências

¹² Aluno 6: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

¹³ Aluno 7: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

vividas nos diversos ambientes onde o ser humano interage para poder analisar e refletir sobre suas práticas.

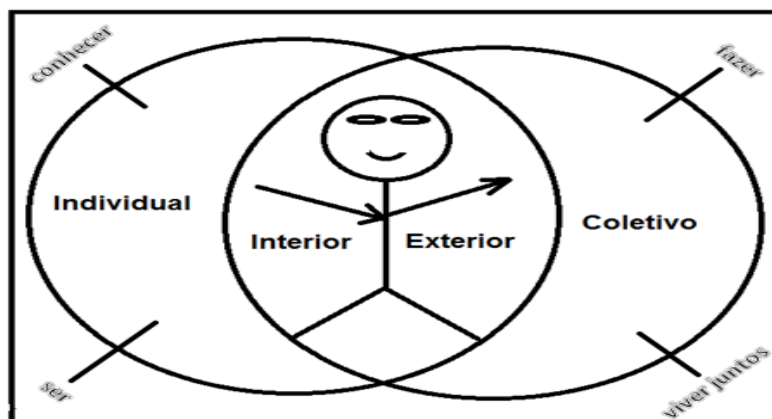
Passando a descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela família, pela comunidade ou pela escola, deve antes de mais ajudá-los a descobrir-se a si mesmos. Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. (Delors, 2006, 98)

O que sou? O que decido ser? Essa reflexão penso ser de extrema importância para que cada aluno viva com responsabilidade o seu processo formativo.

É preciso **saber ser**, saber o que quero ser. O ser humano moderno é capaz de escrever muitas folhas sobre os assuntos mais delicados da ciência. É capaz também de escrever folhas sobre si mesmo, sobre sua vida e suas ações no mundo?

O ser humano não pode ser coisificado, não é coisa entre outras, pois ele decide o que é. O que quer ser? Que potencialidades quer concretizar? Para Frankl (2008) isso depende de decisões e não de condições.

Nossas decisões, nossas escolhas são influenciadas por expectativas, emoções, equívocos, características de personalidade e conteúdos inconscientes. Por isso, na busca de sentido em saber conhecer, fazer, viver juntos e ser não se pode desconsiderar o ser interior e exterior. Não podemos deixar de ver o ser individual e coletivo que nos compõe.



Fonte: Autor

O processo educativo precisa acompanhar as inovações tecnológicas para aperfeiçoar a formação de cidadãos ativos e carregados de sentido. Precisamos construir juntos uma aprendizagem significativa que forme cidadãos capazes de opinar, observar, refletir e decidir.

É necessário salientar que, mesmo sendo o aluno o objeto de estudo desta pesquisa, para o uso efetivo da tecnologia por parte dos discentes é fundamental o domínio da tecnologia pelos professores.

Professores e alunos assim como não podem ver o processo formativo apenas como um treinamento para um determinado concurso ou vestibular, não podem ver a inserção das novas tecnologias em sala de aula como mero treinamento, mas sim como parte de uma capacitação da pessoa que requer tempo e reflexão como menciona Dinéia Hypolitto:

“Treinamento: Treinar implica “repetição mecânica” e passividade de quem é treinado. Esta terminologia nos faz lembrar do adestramento de animais ou de alguma atividade rotineira. Capacitação: Significa um conjunto de ações: cursos, encontros, seminários com o objetivo de desenvolver e qualificar o profissional. A capacitação de um educador deve ir muito além de uma ação de treinamento obtida por um curso ou orientação técnica, por exemplo. A mudança na prática do professor envolve alterações na sua visão de mundo e em seus valores.” (2000, 21)

A capacitação quanto aos recursos tecnológicos utilizados torna-se cada vez mais importante. Tendo em vista que o computador na educação tem uma utilização muito diversificada e desafiadora.

6. Busca de sentido

A revolução técnico-científica cria “necessidades” no ser humano. A falta de sentido poderá diminuir a capacidade do ser humano de distinguir o que é supérfluo e o que é essencial para sua vida.

“Sem dúvida, a sociedade industrializada está sempre visando satisfazer todas as necessidades humanas possíveis, e seu fenômeno concomitante, a sociedade de consumo, visa até mesmo criar necessidades que possam depois ser por ela satisfeitas. Apenas a necessidade mais humana de todas, a necessidade de sentido, é frustrada pela sociedade” (Frankl, 1992, 79).

Viktor Frankl acredita que o ser humano precisa buscar o sentido do que realiza mais do que o desejo de poder de Adler (FRANKL, 1990, p. 33) ou o desejo de prazer de Freud (FRANKL, 1990, p. 12). O sentido deve ser o maior desejo do ser humano (FRANKL, 1990, p. 12). Segundo Frankl seus doentes são, na maioria das vezes, confrontados com um vazio existencial mais do que frustrações sexuais ou de complexo de inferioridade.

“Na realidade, a existência humana sempre já vai além de si mesma, já está sempre indicando um sentido. Neste sentido o que importa à existência humana não é prazer ou poder, nem tampouco auto-realização, mas antes o cumprimento de sentido. Na logoterapia falamos de uma vontade de sentido” (Frankl, 1992, 61).

Com base neste pensamento que, acredito ser tão significativo, o uso das tecnologias presentes no dia a dia dos alunos poderá auxiliá-los na dedicação a uma tarefa e, através dela, encontrar o sentido da sua formação acadêmica.

O aluno precisa em cada momento de sua vida saber escolher: o que é mais importante, o que é essencial, o que tem sentido.

Viktor Frankl escreve:

*Vivemos numa sociedade da **superabundância**; esta superabundância não é somente de bens materiais, mas também de informações. Cada vez mais livros e revistas se empilham sobre as nossas escrivaninhas. Vivemos numa enxurrada de estímulos sensoriais, não somente sexuais. Se o ser humano quiser subsistir ante esta enxurrada de estímulos trazida pelos meios de comunicação de massa, ele precisa saber o que é e o que não é*

importante, o que é e o que não é essencial, em uma palavra: o que tem sentido e o que não tem (Frankl, 1992b, 70).

Acredita Viktor Frankl que, quando buscamos a felicidade como meta, não podemos alcançá-la. Quando simplesmente nos entregamos no trabalho, na escola, na família, no amor com uma perspectiva de futuro, mais chance teremos de superar os desafios. Penso, assim como Viktor Frankl, que a pessoa que tem mais chance de sobreviver sendo um prisioneiro de guerra é a que pensa o futuro, que quer ser livre novamente ou que deseja rever os entes queridos. Da mesma forma um aluno que estuda em função de um sentido a ser realizado, poderá ter mais êxito no seu processo de aprendizagem.

Este foi testemunho de Viktor Frankl:

*“Evidentemente, o campo de concentração foi minha prova real de maturidade. Foi o experimentum crucis. As autênticas faculdades humanas ancestrais da autotranscendência e autodistanciamento foram verificados e convalidados em forma existencial nos campos de concentração. Maiores possibilidades de sobrevivência tinham aqueles que estavam **orientados para o futuro**, para um sentido cuja realização os esperava mais adiante. Em relação a mim mesmo, estou convencido que para a minha própria sobrevivência, foi um fator importante a decisão de reconstruir o manuscrito perdido” (Frankl, 2003b, p. 86).*

A conquista de valores, a luta e a superação dependem de um fator condicionante: ter um objetivo de vida.

Vida sem projeto não é vivida, no máximo é sobrevivida. Para ter um claro projeto é preciso saber o que desejo realizar com minha vida. É preciso achar um grande sentido para lutar, para vencer os obstáculos, para superar as dificuldades e responder aos desafios inesperados. (Pe. Léo, 2004, p. 106)

No livro *Em busca de sentido- Um Psicólogo no Campo de Concentração* (2008), Viktor Frankl relata que, para sobreviver no campo de concentração, apoiou-se na experiência do amor para ter força de continuar lutando, na vivência da natureza ao entardecer no bosque (o que dava sentido ao seu dia), na experiência da arte (cantando e recitando poesias), no sentido do humor como truque para a arte de viver, no sentido do passado (enriquecendo-se com experiências do passado) como forma de superar o presente, na vivência da espiritualidade e na solidão, recuperando sua intimidade e privacidade. Penso que

estes aspectos apresentados podem servir de apoio para que os alunos possam buscar o sentido para superar os desafios no caminho de formação. Um aluno entrevistado diz:

*“Procuro sempre encontrar a solução dos problemas, pois acredito que quando **se tem um objetivo** enfrentamos qualquer obstáculo”¹⁴*

É necessário que o professor dê a conhecer aos alunos de si mesmo, pois suas experiências podem ajudá-los na busca de sentido que dão ao estudo e o sentido que dão às suas vidas a fim de superar os desafios do dia a dia.

É somente quando nos sentimos bem conosco mesmos e com os outros, tendo a sensação de que estamos vivos e de que podemos revelar o nosso potencial de humanidade, que essa busca de si e de nós cessa de ocupar o primeiro plano da cena. Ou seja, quando nosso conhecimento de nós mesmos nos permite ligar-nos aos outros com prazer e criatividade, sentindo um equilíbrio entre o dar e o receber, estamos disponíveis para uma exploração de um além de nós mesmos, estamos disponíveis para a vida (Josso, 2008, p.32).

Relata um aluno do Terceiro Ano do Ensino Médio:

“Temos alguns professores que nos motivam contando às vezes suas próprias experiências de vida. Através dessas mensagens compartilhadas posso adotar muito de suas condutas de superação em minha vida.”¹⁵

¹⁴ Aluno 8: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

¹⁵ Aluno 9: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

7. CONCLUSÃO

Ao percorrer a trajetória metodológica escolhida para este trabalho, chegou-se a construção do referencial teórico, que serviu de fundamentação nesta investigação e ajudou a ampliar a construção dos argumentos da análise dos dados coletados.

No contexto atual a comunicação virtual assume um papel importante para o processo de formação contínua e como forma de reflexão sobre o sentido do estudo desde que todas as partes estejam dispostas a partilhar de suas experiências com maturidade, responsabilidade e interesse pelas necessidades do outro.

É importante que esta busca de conhecer a necessidade do outro seja olhando a pessoa de forma integral, individual e coletiva, sem desconsiderar seu interior e seu exterior, para que assim a relação mais afetiva entre professor-aluno possa ajudar a lidar com as particularidades de cada um.

*“Quanto mais o professor conhece seus alunos maior a percepção dos pontos fracos e fortes deles, facilitando desta forma a maneira como o professor irá lidar com cada um.”*¹⁶

Juntamente com a busca de maior interação com os alunos através das diferentes mídias sociais proponho que os professores sejam motivadores de seus alunos na busca de sentido para o estudo e que os alunos estejam abertos a esta busca de sentido para aproveitarem da melhor forma possível, o processo formativo contínuo na busca do saber conhecer, saber fazer, saber viver juntos e saber ser.

*“Somente tendo sentido podemos aproveitar tudo aquilo que temos a nossa disposição.”*¹⁷

A partilha das experiências, seja pessoalmente ou através da comunicação virtual, é capaz de fazer o professor refletir e repensar sua prática pedagógica,

¹⁶ Aluno 10: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

acredito que também pode ajudar os alunos a encontrar um sentido no estudo e assim desenvolverem-se no processo formativo acadêmico.

Alguns professores ainda não são adeptos a esta troca de comunicação virtual como forma de auxílio no processo de aprendizagem, segundo o relato de um aluno entrevistado:

*Já tive a infeliz experiência de procurar um professor no facebook para tirar uma dúvida e ele no dia seguinte me chamar atenção para que eu não o procurasse, pois segundo ele, lá não era local adequado. Eu acredito que a comunicação virtual desde que de maneira educada, não só é importante como faz falta na vida dos estudantes.*¹⁸

Os professores precisam rever suas práticas, embora não quero colocar aqui todo o peso nos professores, por não serem adeptos a comunicação virtual para fins pedagógicos, pois reconheço que a carga de trabalho extra classe exigida pelas escolas privadas, (pois é a realidade que eu vivencio), já é enorme e que realmente é difícil conseguir administrar outra demanda, como tirar dúvidas pelo facebook. Até por que não está ali como profissional, mas sim estabelecendo outros tipos de relacionamento.

Por isso estas reflexões sobre a utilização dos meios de comunicação virtual para fins pedagógicos devem ser de interesse de toda a comunidade escolar.

Acredito que para um bom aproveitamento das redes sociais se faz necessário encontros formativos e grupos de reflexão sobre o cenário atual, as características da pessoa moderna, como utilizar bem a comunicação virtual e a importância de descobrir o sentido para o que fazemos.

¹⁷ Aluno 7: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean (1994). *The illusion of the end*, London, Tradução de Chris Turner da obra L'illusion de la fin, UK: Polity Press; Paris, Edition Galilée.

BUBER, M. (2004). *Eu e Tu*. 9ª Ed. São Paulo: Centauro.

CASTELLS, M. (2009). *A sociedade em rede*. 2º vol. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

DELORS, Jacques (Org.). (2006). *Educação: um tesouro a descobrir*. -10.ed. – São Paulo:Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO.

FILHO, Cléuzio. (2007). *História da Computação, O caminho do pensamento e da tecnologia*. Porto Alegre: ediPUCRS. Disponível em:
<<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/historiadacomputacao.pdf>> Acesso em 24 set. 2014.

FRANKL, Viktor. (1988). *La Voluntad de Sentido*. Barcelona: Editorial Herder.

FRANKL, Viktor. (1989). *Sede de sentido*. São Paulo: Quadrante.

FRANKL, Viktor. (1990). *El Hombre Doliente*. Barcelona: Editorial Herder.

FRANKL, Viktor. (1991). *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papirus.

FRANKL, Viktor. (1991 b). *Psicoanálisis y Existencialismo*. México: Editorial FCE.

FRANKL, Viktor. (1991 c). *Psicoterapia para todos*. (2ª Ed). Petrópolis: Vozes.

¹⁸ Aluno 3: preservando a identidade da pessoa entrevistada.

FRANKL, Viktor. (1992). *Teoria y terapia de las neurosis*. Barcelona: Editorial Herder.

FRANKL , Viktor. (1992 b). *A presença ignorada de Deus*. 2ª Ed. São Leopoldo: Sinodal e Petrópolis: Vozes.

FRANKL , Viktor. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante.

FRANKL , Viktor. (2003 b) *Lo que no está escrito em mis libros: Memórias*. 2ª ed. – Buenos Aires: San Pablo.

FRANKL , Viktor. (2008). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. Coleção Logoterapia. (25ª Ed): Petrópolis: Vozes.

FRANKL , Viktor. (2010). *A presença ignorada de Deus*. (12ª Ed). São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.

GRANOVETTER, Mark (1973), "*The Strength of Weak Ties*." *American Journal of Sociology*, 78 (May) 1360-1380. Todos os artigos deste autor estão disponíveis na sua página pessoal, e foram impressos no dia 06/09/2014. <http://www.stanford.edu/dept/soc/people/mgranovetter/>.

HYPOLITTO, Dinéia. *Formação continuada: Análise de termos* (Ano 2000,nº21) Disponível em: http://www.usjt.br/proex/produtos_academicos/101_21.pdf Acesso em 16 mai. 2013.

JOSSO, Marie-Christine. *A realização do ser humano como processo de transformação da consciência: ensinar, acompanhar e aprender: um mesmo desafio para uma vida em ligação*. In TRAVERSINE, Clarice;.

LÉVY, Pierre. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

LÉVY, Pierre. (2002). *Ciberdemocracia*. Col. Epistemologia e sociedade. Lisboa: Inst.Piaget,.

MORAN, José Manuel *Informática na Educação: Teoria & Prática*. Porto Alegre, vol. 3, n.1 (set. 2000) UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, p. 137-144. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/gestao.htm> Acesso em 16 mai. 2013.

MOREIRA, Herivelto. (2006). *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A.

MORAES, Roque. (2007). *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Unijuí.

MOUNIER, Emmanuel. (1964). *O Personalismo*. Santos, Brasil: Martins Fontes.

MINAYO, M.C.S. (Org). (1995). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 4.ed. Petrópolis : Vozes.

PINTOS, Claudio Garcia (coord.). (2007). *Frankl por definición, Consultor Temático en Logoterapia y Análisis Existencial*, editorial San Pablo.

QUALMAN, Erik, (2010). *Socialnomics: Como os media estão a transformar o modo como vivemos e como fazemos negócios* , Lisboa: Editorial Presença.

SALVINO, E. (2009). *Evidencias teóricas y empíricas entre la psicología positiva de Seligman y la psicología humanista-existencial de Frankl*. Tese Doutoral não publicada. Universidad Pontificia de Salamanca-España.

XAUSA, I. A. M. (2011). *A psicologia do sentido da vida*. Campinas: Vide Editorial.

SITES

<<http://www.historiadetudo.com>> Acesso em 24 set. 2014.

<<http://pt.slideshare.net/AnglicaMariaBenedetti/gerao-x-y-z>> Acesso em 24 set. 2014.

<www.viktorfrankl.org/e/chronology.html> Acesso em 25 set. 2014.

ANEXOS

ANEXO A – INSTRUMENTO DE PESQUISA PARA ALUNOS PESQUISADOS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

A COMUNICAÇÃO VIRTUAL COMO FACILITADORA NA DESCOBERTA DO SENTIDO QUE O ALUNO ATRIBUI AO SEU PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA

FABIO LUIZ DA COSTA LIMEIRA
ORIENTADORA: PROFa Dr. ADRIANA JUSTIN CERVEIRA KAMPPF

Instrumento de Pesquisa – Entrevista Semi-estruturada

Sujeitos: Alunos do 3º Ano do Ensino Médio

1) COMUNICAÇÃO VIRTUAL

- 1.1 Você está inserido em comunidades virtuais? Quais as vantagens e desvantagens você destacaria de tais comunidades?
- 1.2 Você se utiliza da comunicação virtual para realização de pesquisas, partilha de exercícios, explicações e indicações de livros e vídeos?
- 1.3 Que tipo de **comunicação virtual** entre professores e alunos você acha que melhor beneficiaria o processo de ensino e de aprendizagem?
- 1.4 Você gostaria de ter mais experiências de comunicação virtual com os seus professores? Por quê?

2) PARTILHA DE DIFICULDADES E SOFRIMENTOS

- 2.1 Você partilha com seus colegas e professores suas dificuldades e sofrimentos? Diante das dificuldades e sofrimentos seus ou dos outros procura ter uma mensagem de queixa e desânimo ou de busca de soluções?
- 2.2 Seus professores são sensíveis na solução de problemas, transmitindo mensagens de entusiasmos e coragem? Pensa que isto pode contribuir para busca de soluções?

3) CONHECENDO AS NECESSIDADES

3.1 Você acredita que a comunicação virtual pode fazer com que professores, **conhecendo as necessidades** dos alunos, possam melhor ajudá-los e respeitá-los nas suas individualidade?

4) EXPERIÊNCIA

4.1 Você gostaria de relatar alguma **experiência** positiva e/ou negativa com comunicação virtual com um professor?

5) SENTIDO DO ESTUDO

3.1 Através da comunicação virtual e/ ou sala de aula os seus professores ajudam a **refletir sobre o sentido do estudo**? Pensa ser importante tais reflexões?

3.2 Seus professores orientam decisões no que se refere à vida? Você possui professores que oferecem conselhos e auxiliam em assuntos além conteúdo e da disciplina que lecionam? Acredita que estes atos podem contribuir para seu processo formativo acadêmico?

3.3 Você acredita que a comunicação virtual entre professor e aluno pode facilitar a descoberta do sentido que é dado ao estudo através da troca de experiências? Por quê?

3.4 Você acredita que a descoberta do sentido do estudo é importante no seu processo formativo?

3.5 Qual o sentido que você dá ao estudo? Algum professor já te ajudou a refletir sobre isto?